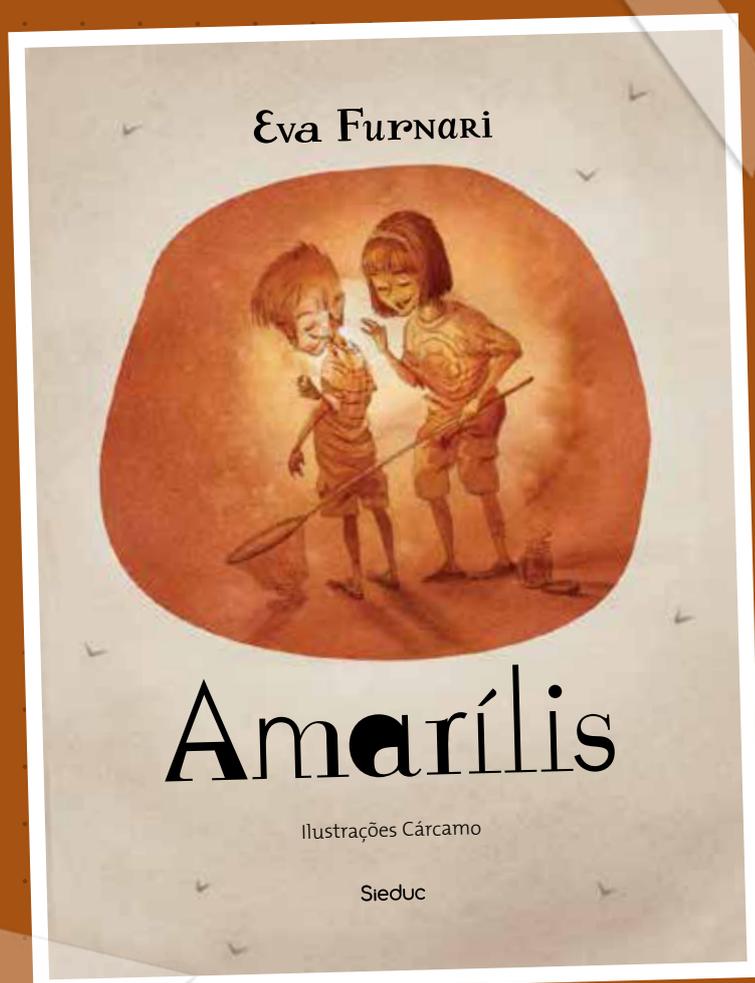


Material de apoio ao professor
Contextualização da obra



Amarílis

Eva Furnari

Ilustrações de Cárcamo

Organização pedagógica
Maria José Nóbrega

De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenualmente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vívada” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

Um pouco sobre Eva Furnari, a autora de *Amarílis*

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália, em 1948, e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje.

Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas. Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da Bruxinha no suplemento infantil do jornal *Folha de S. Paulo*. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980, e hoje tem mais de 60 livros publicados.

Possui livros adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia, Itália, Inglaterra, Turquia e China.

Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com vários prêmios. Entre eles, recebeu por sete vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e foi premiada diversas vezes pela FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.



© WILL SANDRINI

A obra

O jogo preferido dos irmãos começava quando Tiago tateava as lombadas dos livros enfileirados na estante do pai, sentindo a textura. Sabia reconhecer quais livros já tinham sido escolhidos por ele, quais não. Dessa vez, estava em busca de um livro novo para entregar para Luisa. E, então, acontecia sempre assim: a menina apanhava o livro das mãos do irmão, abria numa página ao acaso, e a brincadeira começava. Se fosse uma página com texto, ela lia. Se fosse uma página com uma imagem, ela a descrevia para o irmão com as suas palavras.

Dessa vez, Tiago tinha escolhido um livro de fotografias – cada página mostrava uma flor. Em página aberta, seu nome escrito embaixo: amarílis. Depois de descrever a imagem da melhor possível, respondendo às perguntas do irmão, começa, como é seu costume, a inventar uma história – com aventuras, feitiços, uma madrasta malvada e muitos perigos e desventuras antes do final feliz. Tiago gostava especialmente das histórias tristes, que o faziam chorar. Depois do fim do jogo, já na hora de dormir, Luisa anotava no seu caderno as histórias inventadas que seu irmão que não via a fazia descobrir.

Comentários sobre a obra

Trata-se de uma narrativa bastante lírica e delicada a respeito da relação entre dois irmãos: uma que enxerga, o outro que não. Eva Furnari nos lembra, aqui, como as narrativas têm a possibilidade de criar pontes entre universos distintos, tornar visível o que até então era invisível. Contar histórias é também um jogo de aproximação, que torna o mundo menos obscuro. Aprender a contar histórias é aprender a criar pontes entre a maneira de ver de quem narra e a dos outros – é não tomar nada como dado ou pressuposto, é traduzir realidades por meio da linguagem, é estranhar aquilo que se vê para reconstruí-lo e revelá-lo a alguém. Também o menino cego ilumina o universo da irmã, permitindo que ela veja além daquilo que costuma enxergar. O lugar do leitor, e não apenas o do escritor, parece de fundamental importância no advento do acontecimento literário.

Quadro-síntese

Gênero: Conto.

Componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, Educação Física.

Temas contemporâneos: Vida familiar e social; educação em direitos humanos.

Público-alvo: 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.